

GT 13: Desigualdades: dimensões e evoluções recentes

**Título do trabalho: Mobilidade ocupacional no Brasil:
uma análise das chances de mobilidade ocupacional
segundo a origem, a cor e a situação de migração para
homens chefes do domicílio (1988-1996)**

Autora: Lygia Gonçalves Costa

32º Encontro Anual da Anpocs

Set/2008

1. Introdução

A literatura sobre mobilidade no Brasil já nos revelou que o período áureo da industrialização no Brasil foi o responsável pela grande mobilidade social ascendente vivenciada nos anos 70 e 80, com maiores chances de mudanças de condições de vida para os trabalhadores. Contudo, a industrialização, também, foi responsável pelo agravamento das desigualdades regionais, pelos deslocamentos populacionais e pela concentração de mercado de trabalho nas metrópoles industriais, especialmente, Rio de Janeiro e São Paulo. A maioria dos trabalhos, desta mesma época, se tornaram clássicos (Pastore, 1979, Valle e Silva e Hasenbalg, 1988), os quais apresentam evidências de que a origem, a cor e a migração forma um complexo eixo de possibilidades de análise sobre a mobilidade ocupacional no Brasil. Por isso, neste artigo, procuro responder à seguinte pergunta: que tipo de características (impostas, adquiridas ou herdadas) influencia nas chances de mobilidade ocupacional dos indivíduos? Em que medida, a origem de classe, a cor, e migração entram na mobilidade ocupacional dos indivíduos?

Para realizar esta análise, foi necessário selecionar um banco de dados que contivessem as seguintes informações: origem de classe (medida de ocupação do pai quando o entrevistado tinha 14 anos); destino de classe (medida de ocupação do indivíduo); migrantes (indivíduos cuja origem era nordestina, mas, residiam na Região Sudeste há pelo menos 5 anos e mais) e não-migrantes (da Região Nordeste e da Região Sudeste); cor ou raça (divididos por brancos e não-brancos); idade (pessoas de 25 a 64 anos de idade) e escolaridade (dividida em 4 níveis: 1 a 4 anos, de 5 a 8 anos, 9 a 12 anos e 13 anos e mais de escolaridade). Destas variáveis apenas a origem de classe não é facilmente obtida. O banco de dados nacionalmente representativo contendo informações sobre a ocupação dos pais dos respondentes é a Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar-PNAD/IBGE e seus anos de coleta deste dado foram 1976, 1982, 1988 e 1996. Para esta análise utilizo os anos de 1988 e 1996, os quais proporcionaram a seleção das variáveis de migração e cor na mesma análise.

Para responder às perguntas do artigo, fiz uma análise complexa o que me exigiu a escolha de um modelo estatístico que fosse capaz de permitir a inclusão de

vários parâmetros e o entendimento da complexidade dos seus resultados. Assim, optou-se pelo modelo Logit Multinomial, equivalente a modelos loglineares, que estima logits binárias para todas as possíveis comparações entre as categorias de uma variável dependente, sem necessitar criar uma hierarquização destas categorias, sendo plausível admitir tantas variáveis quanto forem necessárias no modelo. Nesta análise, também uso as 7 categorias ocupacionais desenvolvidas por Erikson, R. Goldthorpe, J. e Portocarrero, L. (EGP) (1979), tendo sido estas categorias já aplicadas no clássico estudo de mobilidade *The Constant Flux* (Erikson e Goldthorpe, 1993). Apesar de serem categorias agregadas estas permitem uma avaliação eficaz da mobilidade dos grupos, são relacionais e também servem de referência para estudos de comparabilidade internacional. Portanto, as categorias ocupacionais foram divididas em: I – Profissional; III – Não-manual de rotina; IVa – Empregadores; IVb – Conta-própria; V – Técnicos e supervisores; VIIa – Manual não qualificado; VIIb – Trabalhadores rurais (Houve apenas uma pequena adaptação, sugerida pelo próprio Goldthorpe, que foi feita no sentido de melhor capturar a estrutura social brasileira: conta-própria (IVb)).

Em suma, antes de apresentar os resultados das análises empíricas, faço algumas considerações iniciais de estudos empíricos anteriores direcionados para a área de mobilidade ocupacional no Brasil. Neste caso, procurei dar aos referidos estudos não apenas um enfoque descritivo, mas, reflexivo, tentando conectá-los às questões aventadas neste artigo. No item seguinte, apresento a metodologia adotada para realizar a análise e o ajuste do modelo aos dados. Finalmente, apresento os resultados das análises para os anos de 1988 e 1996, demonstrando o efeito de classe de origem, cor e migração sobre as chances de mobilidade ocupacional dos indivíduos.

2. Mobilidade ocupacional no Brasil: uma passagem por estudos anteriores

Apesar dos poucos estudos dedicados à análise de mobilidade ocupacional à luz da situação de migração e cor no Brasil, deu-se destaque a algumas pesquisas empíricas que de alguma forma buscaram se aproximar deste tipo de análise. O estudo de Pastore (1979) sobre a mobilidade social no Brasil, com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/PNAD-73, foi um dos primeiros a relacionar a condição da migração no contexto de mobilidade. No começo de seu trabalho, Pastore evidenciou uma mobilidade

social ascendente, ao longo do século XX, no Brasil, basicamente, em São Paulo, crescente pólo industrial na época. O estudo mostrou que existiam altas taxas de ascensão social, mas, também, revelou que existiam altas taxas de desigualdade social. Segundo Pastore, a explicação sobre a ascensão social dos brasileiros se pautava na existência de considerável mobilidade de pessoas para estratos mais privilegiados, mas concentrando-se, sobretudo, na classe média. Para Pastore, praticamente, foi o estrato de classe média-baixa que mais contribuiu com a transição de pessoas para a classe média alta, enquanto para os indivíduos de status mais baixo (como aqueles no manual não-qualificado) a mobilidade se deu a curta distância. De modo geral, a pesquisa de Pastore mostrou que houve mobilidade, mas a classe média foi a que melhor se destacou, levando a sociedade a um estiramento social, ao mesmo tempo, em que se tornava mais desigual.

Para Pastore, as evidências empíricas apontavam para uma mobilidade social no Brasil do tipo estrutural e não circular (embora existisse uma relação entre as mesmas), fruto do surto industrial que aconteceu entre as décadas de 30-60, efeitos da migração rural-urbana, expansão da indústria em São Paulo, oferta de emprego, abertura de serviços nos campos da saúde, educação, justiça, polícia, etc. Nesse sentido, a mobilidade social passava a depender da competição que se estabelecia dentro do mercado de trabalho afetando a relação sujeito x status. Pastore (1979) analisou a mobilidade social como função da diferenciação da estrutura ocupacional e das modificações dos recursos individuais os quais se estendiam à educação e até mesmo a idade. Para ele, existiam duas forças atuando: uma de mercado e outra ligada ao indivíduo. A primeira estaria demandando mão-de-obra em determinadas ocupações. A outra se manifestava de acordo com a qualidade dessa mão-de-obra oferecida no mercado. Assim, para ascender socialmente os indivíduos dependiam de preparo educacional, de competência profissional, de experiência e de contatos estratégicos no mercado de trabalho.

No entanto, as disparidades regionais no Brasil contribuía para o desequilíbrio das oportunidades no mercado de trabalho, e, por esse motivo, eram esperados padrões de mobilidade bem diferentes de uma região para outra. Por esse motivo, Pastore investiu no controle de seus dados pelo status migratório, visando testar a hipótese bastante convencional segundo a qual a mobilidade social estaria, geralmente,

associada à mobilidade geográfica. *Os migrantes tendem a fazer muita mobilidade social e, na realidade, a migração promove a ascensão social tanto de migrantes como de não-migrantes* (Pastore, 1979:48). Pastore se referia, principalmente, aos migrantes com certo tempo de residência, os quais apresentavam um aumento de escolaridade e oportunidades em ocupar postos de trabalho à medida que permaneciam no local de destino. Para Pastore, apenas os migrantes, que vinham da zona rural, possuíam uma grande desvantagem: sua situação em termos educacionais, fato que os levava a pouca mobilidade ocupacional.

O trabalho de Pastore configura um perfil bastante significativo da situação de mercado de trabalho entre os anos de 1950 a 1970 -período de crescimento econômico acelerado e industrialização do país- mas, ele não faz uma avaliação político-cultural sobre a situação da pobreza existente no país nem mesmo trabalha com um diagnóstico econômico-social sobre a pobreza mais complexo. Ou seja, ele não explica suas hipóteses explorando as taxas relativas de seus dados.

Já Valle Silva¹ e Hasenbalg (1988) partiram para uma análise do impacto das rápidas transformações na estrutura setorial do emprego, sobretudo, ente os anos de 1960, 1970 e 1980, sobre a estratificação social e processos de mobilidade social no Brasil. O ponto de partida, para os referidos autores, foi o entendimento da rápida expansão das relações capitalistas de trabalho como um processo decorrente da acelerada urbanização do país e, conseqüente, declínio relativo dos contingentes de trabalhadores por conta-própria e sem remuneração, característica básica daqueles trabalhadores na agricultura brasileira. Contudo, no caso do Brasil, os pontos positivos do desenvolvimento econômico colidiram com o processo de concentração de renda e falta de estrutura estatal para o suprimento de bens e serviços de consumo coletivo reclamados por uma população urbana em fase de expansão.

Mesmo assim, havia uma mobilidade total ascendente significativa para os indivíduos em relação à ocupação de seus pais. Em 1973 46% dos indivíduos se movimentavam ascendentemente e apenas 13% dos indivíduos estavam em ocupações

¹ Vale destacar também o trabalho de SOUZA, Alberto de Mello e; SILVA, Nelson do Valle; FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. *Mobilidade inter-setorial e homogeneidade do setor informal: verificação de duas hipóteses duais no caso brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

inferiores à de seus pais. No entanto, os filhos de trabalhadores rurais tendiam a se inserir basicamente em ocupações não-manuais. *O elevado nível de auto-recrutamento dos trabalhadores agrícolas aliado à grande proporção de atuais proprietários na agropecuária recrutados entre os filhos de trabalhadores agrícolas indica o isolamento dos estratos rurais em relação aos demais estratos no que tange à sua composição social* (Valle Silva e Hasenbalg, 1988: 41).

Para além dessa abordagem, outro ponto fundamental nesse trabalho é a condição dos negros e das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Os pesquisadores Valle Silva e Hasenbalg (1988) observaram que, na divisão social do trabalho, negro e mulheres, dentro das classes e na hierarquia ocupacional, sempre levavam desvantagem no acesso à educação formal e, portanto, estariam destinados a poucas ocupações segregadas tanto horizontalmente quanto verticalmente. Florestan Fernandes (1972), já havia evidenciado antes mesmo destes pesquisadores, que a situação dos negros no Brasil pós-abolição no mercado de trabalho não foi nada promissora. Pois, segundo este pesquisador, enquanto esvaziavam-se os investimentos no setor agrário o setor industrial crescia e se modernizava deixando uma grande parte da sociedade apática diante de tantas mudanças e quase sem perspectivas de se inserir neste processo. No fundo, o problema se constituía em uma transição -sistema agrário para o industrial- sem a destituição de estruturas ainda arcaicas e escravistas. Para Fernandes, existia uma ampla diferenciação social entre brancos e pretos, sobretudo, no que concerne a ocupações no mercado de trabalho. Ou seja, existiam ocupações e atividades que só o indivíduo liberto poderia realizar e, que não interessariam ao homem livre independente. Além disso, o miscigenado, tipo que permitiria alguma mudança dentro da estratificação social não promoveu nem a ascensão de negros, nem de mulatos, apenas ajudou a perpetuar uma ordem social de estratificação racial herdada da escravidão.

Assim, sob o mito de uma democracia racial justificou-se a condição do *negro* às atividades que realizava. Ou seja, sob extrema indiferença e pouca solidariedade foi difícil para o *negro* enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição. Contudo, para Andrews (1992) não foi o despreparo, incapacidade ou mesmo desorganização social do trabalhador negro para funções modernas que resultou em sua exclusão ocupacional, mas, o efeito da política de imigração, usada como

arma para promover o embranquecimento da população, diga-se de passagem, nas regiões mais desenvolvidas do país. Isso tudo para afastar de vez os resquícios de uma sociedade escravocrata e agrária, mas, mantendo a população *negra* disponível como mão-de-obra barata, praticamente no fim da pirâmide ocupacional.

Para Hasenbalg e Valle Silva (1988), esse ideal de embranquecimento estabelecido no Brasil, há dois séculos, e que foi ratificado, também, pela teoria de uma *democracia racial*, é que nos faz enxergar pouco sobre as diferenças inter-raciais existentes na sociedade brasileira. Um povo *cordial* e *pacífico* não tem a necessidade de quebrar -o que Hasenbalg chama de- uma *harmonia étnica e racial* típicas da natureza humana do *brasileiro*. Outro ponto, entre estes autores, é que existem teorias que são postuladas vendo incompatibilidades entre industrialismo e racismo. As teorias sociológicas dominantes previam que a industrialização romperia as barreiras de dominação racial (Turner 1951; Parsons 1953, Van den Berghe 1967; Simpson e Yinger 1965) e a competição encorajaria a todos, brancos e não-brancos, eliminando assim a estrutura dominante do sistema escravocrata e a discriminação racial (Bastide e Fernandes, 1959; Fernandes, 1965, 1972). Para Hasenbalg e Valle Silva, essa lógica remetia ao entendimento simplista de que as posições ocupacionais seriam relevantes apenas no campo da realização pessoal, ignorando que efeitos as minorias, como por exemplo, os não-brancos, exerceriam sobre estas posições.

Valle Silva e Hasenbalg (1988) compartilham com a idéia de que o período pós-abolição relegou as populações de ex-escravos a posições mais baixas na hierarquia sócio-econômica. Não só estes estudiosos, mas toda uma gama de pesquisadores confirma um desajuste social na passagem do escravo recém liberto para postos ocupados por homens livres. Portanto, os entraves à mobilidade ocupacional do negro estariam estabelecidos pela seguinte falha no sistema: passagem homem livre para homem trabalhador assalariado, capacitado, sobretudo, para ocupar postos de trabalho não somente agrários, mas industriais. Ao levantar estas questões, Valle Silva e Hasenbalg constataram que pretos e pardos concentravam-se nos setores agrícolas, indústria de construção e prestação de serviços, que incluem ocupações menos qualificadas e pior remuneradas. As evidências apontavam para uma discriminação geográfica, pois, a distribuição de negros e brancos no país, afirmavam eles, era desproporcional entre as

regiões. Para eles, o trabalho escravo condicionou parte da população de cor a estabelecerem-se em espaços agrários e de mineração que foram ficando estagnados economicamente.

No entanto, mesmo que se tenha pouca informação sobre a economia pós-abolição em Minas Gerais e Região Nordeste, onde estava grande parte da população negra, Hasenbalg (1979), em seu estudo paralelo, já assinalava ser possível que esta população tivesse participado de uma industrialização periférica. De todo modo, a população de cor estava relegada em grande parte à vida em regiões agrícolas (não no café – economia próspera, mas na cana – economia decadente). E a transição do trabalho escravo para o trabalho livre não significou, na agricultura, assalariamento, mas a continuação da relação senhorial de dependência com formas não-monetárias de remuneração: condição de agregados, parceiros, diaristas, etc.. Diga-se de passagem, apenas na década de 60 o trabalhador rural passa a contar com um estatuto que regulamenta o serviço assalariado na agricultura.

A partir de 1850 a região Sudeste é a que mais se destaca de todas as regiões começando pela expansão do café até a chegada da industrialização. A região Sudeste teve um peso parcial sobre a composição da população não-branca brasileira devido ao seu sistema econômico marginal até o século XIX, quando a plantação de café transformou aquela região no centro das atenções comerciais. Fontes do Censo Demográfico de 1950, analisados por Hasenbalg (1979) revelaram que a distribuição regional era relevante se observássemos o efeito acumulado do sistema escravista em certas regiões fora do Sudeste. Em 1872 havia 35% de brancos no Sudeste e no resto do país 65%, pessoas de cor no Sudeste eram 21% enquanto no resto do país o percentual era de 79%. Para os anos de 1940 e 1950, Hasenbalg mostrou através deste mesmo Censo que a dinâmica demográfica da população posterior à abolição tendeu a manter a localização geográfica dos dois segmentos de cor da população. Acrescente-se que o centro escravista de maior importância no Sudeste era o Rio de Janeiro e sua periferia rural, o que proporcionou, de certa forma, a composição de grupos de cor nesta região, mas não desenvolveu o característico mestiço e uma população marcadamente de cor. Em resumo, fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o resto do país era pouco desenvolvido e industrializado o que era de se esperar que a população negra permanecesse

majoritariamente na agricultura.

No cômputo final deste processo, para Hasenbalg (1979), mesmo levando em conta a marginalização sócio-econômica sofrida pelo negro, pós-abolição, a região Sudeste representou para a população de cor, migrante e nativa, devido à sua acelerada urbanização e industrialização, um lugar de possibilidades de mobilidade ocupacional, sobretudo nos estratos ocupacionais médios e altos. Neste caso, a educação foi relevante e responsável pelo processo de mobilidade ocupacional das pessoas de cor nesta região. Por exemplo, pelo Censo Demográfico de 1950, no Sudeste, a população de cor branca tinha chance de completar o grau elementar 6,7 vezes que pessoas de cor não-branca, porém, para o resto do país essa diferença aumentava em quase 3 vezes. No grau superior, a chance dos brancos completarem esse grau no Sudeste era de 17,6 vezes que os não-brancos, para o restante do país essa diferença era de 20 vezes de chance de um branco completar o grau superior que não-brancos.

Em 1980, período áureo da industrialização as diferenças educacionais por cor continuaram elevadas. No Brasil, os brancos tinham 1,6 vezes de chance de completar 5 e 8 anos de estudo mais que os pretos e pardos; e 2,5 vezes mais oportunidades de completarem 9 e 11 anos de estudo e 6 vezes mais chances de completarem 12 anos ou mais de estudo comparado à população não-branca².

Para Hasenbalg (1979),

(...) cerca de um terço das desigualdades raciais no nível básico da alfabetização são devidas à segregação ecológica dos grupos raciais (pretos e pardos concentrados no Nordeste, região menos desenvolvida). Assim, os restantes dois terços podem ser atribuídos aos efeitos acumulados de discriminação racial (Hasenbalg, 1979, p. 183)

Para complementar, Valle Silva (1981), em outro estudo, analisou cor e processo de realização socioeconômica dependentes de uma herança racial, que se manifesta pelas diferenças educacionais elevadas entre brancos e não-brancos (pretos e pardos). Ou seja, as desvantagens competitivas que os indivíduos não-brancos experimentavam se caracterizavam muito substancialmente a um processo de discriminação racial no processo de escolarização. Isso quer dizer que, mesmo com a

² Valle e Silva e Hasenbalg (1988). Estrutura Social, Mobilidade e Raça.

inserção do negro e do mulato no sistema educacional e, por esse motivo, uma ascensão do negro em certas posições privilegiadas no mercado de trabalho isso não necessariamente equilibraria a hierarquia de posições entre os grupos na estrutura ocupacional.

Pode-se dizer que mesmo com um processo de modernização conservador, houve um crescimento econômico acelerado e difusão de formas capitalistas de produção, principalmente, com a instituição do trabalho assalariado no Brasil. Nos períodos que se seguem pós 1930 constata-se o encolhimento do setor primário (agricultura), decorrente da rápida urbanização do país (rural para urbana), e aumento dos setores secundário (indústria) e terciário (serviços). Também se expandiram os estratos de ocupações médias como as administrativas e técnico-científicas. Do ponto de vista estrutural, o país experimentava uma mobilidade positiva em que não só havia uma melhora no nível de qualificação da força de trabalho, mas, sobretudo, absorção crescente de população ativa em ramos de atividades e em ocupações de maior produtividade, renda e status social.

Por isso, Hasenbalg e Valle Silva (1988) tratam do período de 1960 a 1980 descrevendo as mudanças estruturais no setor de emprego como sendo em parte devido a altas taxas de crescimento econômico e um ritmo acelerado de urbanização, com conseqüente mudança da força de trabalho para fora do setor primário. Este trabalho avança na medida em que suas hipóteses não se limitam apenas aos pontos ligados à forte industrialização e ao desenvolvimento econômico do país mudando a estrutura de classes, mas outras situações, como aquelas ligadas às questões de segregação de gênero, racial e espacial. Assim, verificado que o Brasil apresentava barreiras sociais veladas, com o confinamento da população não-branca nos estratos socioeconômicos inferiores, os autores denunciavam a importância do passado escravo, o qual era fator determinante do status coletivo inferior dos negros, e relegavam ao fim a tese ideológica da democracia racial. Ou seja, no século XX, O Brasil não era mais *o país da democracia racial*, que ocultava os conflitos raciais e invocava a mestiçagem como algo peculiar à população brasileira. Descobriu-se, na verdade, um país em desenvolvimento, mas extremamente segregacionista, fosse isto em relação aos migrantes, aos não-brancos ou mesmo aos pobres de uma maneira geral.

Já o trabalho de Januzzi (2000) vem a contribuir neste artigo como o trabalho mais específico, dentre todos estes estudos, sobre mobilidade ocupacional e migração. Em seu estudo, Januzzi, procurou mostrar que havia novos rumos para o entendimento da mobilidade ocupacional e dinâmica migratória, rumos estes totalmente distintos daqueles que evidenciaram a sociedade urbano-industrial brasileira do passado. Para Januzzi, a migração estava atuando como mecanismo de transformação social, mas, era preciso compreender a inserção (ou atuação) dos migrantes no mercado de trabalho urbano com mais detalhe. Nesta investigação, Januzzi utilizou a PRAD-Pesquisa Regional por Amostra de Domicílios responsável, na época, por informações inéditas sobre o movimento migratório no Estado de São Paulo entre os anos de 1980 e 1993. Pelos resultados da pesquisa a maioria dos migrantes realizou um forte movimento migratório até 1986, ano que divide o período de 1980 a 1993 em dois sub-períodos de quase igual duração, e que, mais importante do que isso, demarcou o fim de um dos ciclos de crescimento econômico mais duradouro na década de 80, iniciado no final de 1983. Os anos seguintes foram marcados por oscilações conjunturais ora favoráveis, ora desfavoráveis, que talvez não permitissem vislumbrarem-se perspectivas estáveis e garantidas nos grandes centros urbanos para quem cogitasse migrar. Entre 1990 e 1993, explica Januzzi (2000), a indústria, sobretudo, a agropecuária³ foi perdendo seu espaço entre os principais setores de ocupação de mão-de-obra, enquanto os demais setores, em especial a prestação de serviços e serviços domésticos cresceram. Havia tanta oportunidade para trabalhadores migrantes qualificados quanto para aqueles com baixa qualificação, na indústria, nos serviços sociais e auxiliares, com riscos, evidentemente de desocupação. Segundo Januzzi os migrantes nordestinos, em especial, experimentaram mobilidade ascendente na escala sócio-ocupacional, ainda que, para a maioria deles, a mudança tenha significado apenas uma troca de ocupações mal remuneradas da agropecuária descapitalizada para o baixo terciário urbano. Também as dificuldades iniciais de inserção no mercado de trabalho, assim como o maior risco à desocupação, acabaram obrigando uma parcela dos migrantes a aceitar emprego em ocupações menos qualificadas que a anteriormente exercida.

³ A agropecuária passou à condição de setor de menor concentração de ocupados em 1993 (6%), situação diametralmente oposta à observada em 1980, quando reunia 19% da mão-de-obra.

Para Januzzi (2000a), o Brasil se constituiria em um típico caso em que mudanças estruturais trazidas pela industrialização atrairiam perspectivas promissoras para a mobilidade social, pela criação de oportunidades para incorporação de mão-de-obra em ocupações novas, mais diferenciadas, de maior status na própria indústria, no comércio, nos serviços sociais, na Administração Pública, enfim, em vários setores da economia que se formava (Tabela 1). Desse modo, os migrantes acabaram sofrendo positivamente os efeitos dessas mudanças nas demandas adicionais de serviços e equipamentos urbanos no mercado de trabalho nas cidades.

Tabela 1 – Evolução da distribuição setorial da população ocupada. Brasil

1940-1970

Distribuição % setor de atividade	1940	1950	1960	1970
Agropecuária e extrativismo	65,9	59,9	53,7	44,3
Indústria de Transformação	7,8	10,6	9,8	12,1
Construção Civil	2,6	3,9	4,0	5,8
Comércio de Mercadorias	5,1	5,6	6,7	7,6
Prestação de Serviços	14,6	14,8	19,3	21,3
Serviços Sociais/Administração Pública	4,0	5,2	6,5	8,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Almeida (1974)

Além disso, o grande contingente de pessoas e famílias que se deslocaram para as grandes cidades entre os anos de 1940 e 1970, consolidou fluxos migratórios importantes para a composição do mercado de trabalho urbano, elevando a taxa de urbanização de 31% para 56% da população, sobretudo, em São Paulo e Rio de Janeiro (Patarra, 1978). Para Pastore (1979) a migração rural-urbana pesou sobre as cifras de mobilidade ascendente no Brasil superando os nativos nas regiões de destino, tanto a nível inter quanto intrageracional. Assim, enquanto 57% dos migrantes realizaram mobilidade sócio-ocupacional em relação a seus pais, e 62% em relação ao seu primeiro emprego, os nativos tinham atingido apenas 43% e 50%, respectivamente. Evidentemente, o Sudeste, sobretudo, São Paulo, com sua diversidade ocupacional e capacidade para abertura de novas frentes de trabalho era quem abarcava com um volumoso fluxo de nordestino de origem rural, carregando consigo as mais altas cifras de mobilidade identificadas entre as regiões brasileiras.

Já entre as décadas de 80 e 90 houve uma redução das atividades econômicas no país o que provocou um forte impacto sobre a geração de renda e crescimento econômico. Assim, as altas taxas de desemprego, recessão econômica e baixa capacidade de geração de emprego formal reduziram tanto a mobilidade ocupacional quanto os fluxos migratórios, evidentes até os anos 70. Dados de 1980 e 1995 revelam que o emprego industrial cresceu apenas 1,4% ano e o agrícola 0,8%. Com relação ao emprego no setor terciário apesar do acréscimo de 4,8% ao ano este dava margem à grande parte da informalização. Entre os anos de 1990 e 1996 o emprego formal no Brasil ficou reduzido a 9,98%, e entre as regiões uma das mais significativas quedas neste setor foi de São Paulo, 12,53% (Fausto, 2000).

Neste mesmo período, o Sudeste vinha registrando uma contínua diminuição na entrada de migrantes: 1.246.934 período 1986-1991, e 1.219.899, no período de 1991-1996 evidenciando grande migração de retorno, provavelmente relacionada à fracassada fixação destes migrantes na região e à crise econômica instaurada no Brasil e que afetou diretamente São Paulo, destino da maioria dos migrantes, sobretudo, nordestinos. Assim, uma parte, dos emigrantes de São Paulo, foi para o Paraná e o Centro-Oeste e do Rio de Janeiro para Minas Gerais, significando dentro dos “circuitos migratórios regionais”, uma etapa a mais dentro das trajetórias dominantes (Carvalho *et al.* 1998). Vale a pena destacar, também, que após os anos 80, houve uma relativa desconcentração industrial em São Paulo, assim, outras regiões tiveram oportunidade de aumentar sua participação na economia industrial brasileira, sobretudo, o interior paulista. Mas, a desconcentração industrial não significou o desaparecimento dos desequilíbrios regionais, o Nordeste continuava com problemas relacionados à sua participação na produção industrial (congelada em 7,7% de 1980 a 1997 (Pacheco, 1999)), além disso, vinha aumentando seu percentual relativo de 42% da emigração regional, no período 1986-1996, e 46,2%, no período de 1991-1996, mantendo nos anos 90 sua posição de grande área de evasão migratória, principalmente, para o Sudeste (Baeninger, 1999).

No geral, a situação da economia brasileira não se caracterizaria mais por uma mera crise cíclica como aconteceu em diversos momentos do pós-guerra, mas por uma “crise de transição”. A economia estava passando por uma nova etapa, de intensa articulação interna e externa em direção à reestruturação produtiva, tanto tecnológica

quanto empresarial, criando padrões de flexibilização na relação entre o capital e o trabalho. Este padrão para o qual a economia brasileira se transferia tinha pouquíssima capacidade de geração de emprego e por isso mesmo afetaria a mobilidade ocupacional dos trabalhadores. As novas exigências do mercado, da economia, do aparato tecnológico, reforçaram a procura de mão-de-obra cada vez mais qualificada eliminando muitos sujeitos de suas funções. Assim, àqueles ramos da economia com menor intensidade tecnológica e fora da competição internacional ficava a responsabilidade de reincorporar a mão-de-obra “destituída de suas ocupações” e desempregada. A realidade, portanto, era de que a “fase do pleno emprego” havia passado e que à grande força de trabalho só restava a inserção em ramos informais da economia de baixíssima produtividade (IPEA, 1997). Segundo Martins e Ramalho (1994), algumas ocupações de menor qualificação quando não eram extintas eram transferidas para outras regiões fora dos principais centros urbanos ou para pequenas empresas constituídas por seus antigos trabalhadores.

Nesse sentido, pode-se dizer que os anos 90 encerram um modelo industrial baseado em forte protecionismo e aberto à competitividade internacional. No entanto, nem todos os setores do mercado estariam aptos a acompanhar esta competitividade e por isso foram impelidos a um processo de terceirização e de outras medidas que implicaram a eliminação ou a precarização de muitos postos de trabalho. Nos anos setenta, o setor industrial respondia por cerca de 20% da ocupação nacional. Vinte anos depois, essa participação caiu para menos de 13%, ou seja, para um patamar bastante inferior ao que caracterizava as sociedades avançadas (Pochman, 2001). E, mesmo com a expansão dos serviços, neste período, não havia como compensar a destruição de empregos que vinha se processando nos demais setores, pois, se ampliava o tradicional excedente de mão-de-obra no país, intensificando a seletividade patronal e as dificuldades e desigualdades no acesso aos postos de trabalho existentes. Desse modo, os trabalhadores ficariam expostos a intenso processo de desemprego, precarização das relações de trabalho, queda de rendimentos dos que permaneciam ocupados, acentuando as desigualdades de uma persistente pobreza secular e massiva.

Quanto a classe média, que viveu seu apogeu durante o período do Milagre econômico, restava, pelo menos, manter seu status social já que as condições de

mobilidade ascendente não eram mais as mesmas. Segundo Quadros (1997), a classe média também experimentou mudanças setoriais e ocupacionais, sobretudo, em cargos de direção, gerenciamento, chefias e supervisões nas empresas. No entanto, foi grande a capacidade de classes e grupos ocupacionais mais altos de manterem seus privilégios mesmo neste período de reestruturação. Inúmeros mecanismos institucionais permitiram que, ao longo desses anos, as vantagens sociais e econômicas se direcionassem para a classe média e não para classes em desvantagens. Costa Ribeiro (2007) resume esta capacidade de duas formas: uma endógena e outra exógena. A endógena pode ser entendida pela capacidade de certos grupos privilegiados e, conseqüentemente, seus filhos se manterem no poder. A escola, as universidades entrariam neste processo como niveladores sociais proporcionando mais oportunidades educacionais a uma única classe: média. Mas, estes não seriam os únicos exemplos: o financiamento da casa própria para a classe média e não para os pobres; a manutenção da aposentadoria integral de funcionários públicos em vez da expansão do sistema de previdência em geral, e outros também, tiveram sua parcela de manutenção do status da classe média. Já as características exógenas das classes médias e altas estariam relacionadas ao tamanho da população brasileira e ao tipo de mercado que se desenvolveu. Nas palavras de Bourdieu (1979), os mais ricos em capital cultural se inclinam a investir, preferencialmente, na educação dos filhos e nas práticas culturais para manter e acrescentar sua particularidade específica. Os mais ricos em capital econômico investem numa inversão mais racional de cultura e educação em favor de algo mais simbólico como a posse dos meios materiais e culturais aptos à vida burguesa, capaz de assegurar com ele o capital social que, conseqüentemente, remete-os a uma “boa sociedade”.

É assim, nestas condições, que o mercado de trabalho brasileiro se moderniza, criando mais desigualdades e menos oportunidades para os trabalhadores. Pode-se dizer ainda, que as perspectivas de mobilidade social, no contexto em que vem se processando a Reestruturação Produtiva, são apenas de mobilidade do tipo circular, cujos efeitos sobre a mobilidade ascendente são muitos menores que os da mobilidade estrutural. Afinal, a mobilidade circular ascendente estaria restrita a trabalhadores mais qualificados, que só podem ascender se outros trabalhadores menos qualificados descem (Januzzi, 2000).

Desse modo, muitos trabalhadores no final dos anos 80, e nos anos 90, sobretudo, os de origem rural estariam fadados a realizar menos mobilidade que no passado, permitindo, também um aumento da mobilidade descendente, ou mesmo, aumento da imobilidade. Assim à luz de todos os pontos apresentados, chamo a atenção ratificando que é importante verificar análises pouco exploradas como o efeito destas três variáveis, origem de classe, cor e migração sobre a mobilidade ocupacional dos trabalhadores para compreender um pouco melhor os mecanismos de exclusão ocultos no processo de mobilidade ocupacional e conseqüentemente, desigualdades urbanas.

3. Notas Metodológicas

3.1 Especificação, análise, estimação do modelo e teste de qualidade

O modelo estatístico adotado nesta análise foi o Logístico Multinomial, considerado uma generalização do modelo logístico (Agresti, 1990) e um equivalente a modelos loglineares para dados agrupados. Este modelo é interessante por abarcar variáveis qualitativas, politômicas, que não exigem ordenação. Ou seja, no modelo pode-se assumir J valores possíveis ($Y=1,2,\dots,J$), cujas categorias são mutuamente exclusivas e não possuem qualquer ordenamento implícito entre elas.

Assim, $J-1$ equações representam no modelo a relação entre a variável resposta Y e as variáveis explicativas denotadas por x_0, x_1, x_2,\dots,x_K , de forma que a probabilidade de ocorrência de uma categoria $j \neq J$ será calculada em relação à categoria base J . Formalmente o modelo logístico multinomial pode ser descrito como:

$$\ln\left(\frac{p(Y = j | \underline{x}_i)}{p(Y = J | \underline{x}_i)}\right) = \ln\left(\frac{p_{ij}}{p_{iJ}}\right) = \underline{x}_i' \underline{\beta}_j = n_{ij} \quad \forall j = 1, \dots, J-1 \quad (1)$$

onde \underline{x}_i e $\underline{\beta}_j$ são vetores (coluna) de dimensão $(K+1)$ e $n_{ij} = \underline{x}_i' \underline{\beta}_j = \sum_{k=0}^K \beta_{jk} x_{ik}$, com $x_{i0} = 1$, são preditores lineares, funções das variáveis explicativas, associados a cada categoria $j \neq J$ da variável resposta. O vetor \underline{x}_i codifica a i -ésima observação das K variáveis explicativas. Nesse sentido, um modelo com K covariáveis e J categorias, um total de $(K+1) \times (J-1)$ parâmetros devem ser estimados (Power e Xie, 2000). A escolha da categoria J como base é arbitrária. Em vista da fórmula 1 e da tautologia

$$\ln \left(\frac{p(Y = J | x_i)}{p(Y = J | x_i)} \right) = 0 \quad \forall x_i$$

a escolha de J força $\beta_J = 0$.

Definido o modelo (1), as probabilidades podem ser expressas por:

$$P_{ij} = \left(\frac{\exp(x_i \beta_j)}{1 + \sum_{j=1}^{J-1} \exp(x_i \beta_j)} \right) \text{ e } P_{iJ} = \left(\frac{1}{1 + \sum_{j=1}^{J-1} \exp(x_i \beta_j)} \right) \quad (2)$$

Após a definição do modelo e do cálculo das probabilidades é importante realizar uma análise das chances e razões de chances (Powers e Xie, 2000). As chances (odds) podem ser encontradas calculando-se a razão entre as probabilidades de ocorrência de uma categoria j e da categoria de base J . O logaritmo destas chances, ou logits podem ser descritos como uma função linear de x_i :

$$\ln(v_{ij}) = \left(\frac{P_{ij} | x_i}{P_{iJ} | x_i} \right) = \left(\frac{P_{ij}}{P_{iJ}} \right) = x_i' \beta_j \quad \forall j = 1, 2, \dots, J-1, \quad \text{cuja transformação}$$

exponencial é $v_{ij} = \frac{P_{ij}}{P_{iJ}} = \exp(x_i' \beta_j) \quad \forall j = 1, 2, \dots, J-1$. Assim, dado que J é a base para

obter as chances (odds) em um modelo logístico multinomial com variáveis categóricas. Assim, um coeficiente $\beta_{jk} > 0$ associado à variável independente (x_k) implica no

aumento de $\frac{P_{ij}}{P_{iJ}}$ quando todas as outras variáveis independentes $x_{k'} (k' \neq k)$ são mantidas

constantes e x_k aumenta. Ou seja, neste caso, a probabilidade de observar a categoria j aumenta em relação à probabilidade de observar a categoria J .

Em se tratando de estimação dos parâmetros do MLM, esta é realizada pelo método da Máxima Verossimilhança. Desse modo, é apropriado definir um conjunto de J variáveis em forma de *dummies*, onde $d_{ij} = 1$ se $y_i = j$ do contrário 0. Observe-se que existe apenas um $d_{ij} = 1$ para cada observação (Powers e Xie, 2000). Assim, a função de verossimilhança da variável y é descrita como:

$$\log L = \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^J d_{ij} \log P_{ij}$$

Por fim, o teste de qualidade utilizado foi o Wald Test, que permite estimar um ou mais modelos e cuja fórmula é: $W = \hat{\beta}_r' V_r^{-1} \hat{\beta}_r$. Onde $\hat{\beta}_r$ denota um subvetor do parâmetro estimado vetor $\hat{\beta}$, V é um limite de variância-covariância da matriz de $\hat{\beta}$, e V_r denota a submatriz correspondente de V . O Teste Wald, também, tem distribuição do tipo X^2 com graus de liberdade iguais ao número de restrições existentes nos parâmetros (r). No caso de poder ser generalizado, o Teste Wald permite que se teste outras restrições. Nesse sentido a H_0 se torna: $H_0 = R\beta_r = q$, onde R é uma matriz restrita com cada linha correspondendo a uma única restrição de um vetor coeficiente, e q corresponde a uma submatriz de zeros (Powers e Xie, 2000).

3.2. Fonte de Informações:

Como fonte de informações, contamos com o uso dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-IBGE, implantada desde 1967, e se configura como um tipo de pesquisa domiciliar amostral que tem propósitos múltiplos na investigação de diversas características socioeconômicas. Neste eixo, algumas características estudadas são de caráter permanente nas pesquisas, tais como: caracterização geral da população, da educação, do trabalho, do rendimento e da habitação. E, outras são estudadas com periodicidade variável, tais como: migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição, mobilidade e outros temas que são incluídos no sistema de acordo com as necessidades de informação para o País. Para os pesquisadores da área de mobilidade este tema na PNAD ficou restrito apenas aos anos de 1973, 1982, 1988 e 1996, demandando uma necessidade urgente de se investir em pesquisas deste porte no Brasil.

Desse modo, neste artigo, vamos explorar os anos de 1988 e 1996⁴ da PNAD num esforço de avaliá-los comparativamente quanto a seus diferenciais internos com relação à mobilidade ocupacional.

4. Ajuste do modelo logístico multinomial e análise dos parâmetros

4.1. Variável resposta: ocupação da pessoa

A variável resposta do modelo logístico multinomial desse estudo refere-se à pergunta sobre as chances de mobilidade ocupacional da pessoa de referência, relativas

⁴ A última Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizada pelo IBGE, com perguntas sobre mobilidade intergeracional (ocupação do pai) foi realizada em 1996. Há 11 anos estudiosos da área de mobilidade no Brasil esperam por uma nova pesquisa nessa área de pesquisa.

à origem, a cor e à migração. Neste caso, optou-se pelo uso de uma variável resposta contendo categorias ocupacionais relacionais para homens chefes do domicílio, de acordo com o esquema CASMIN, trabalho desenvolvido por Erikson, R. Goldthorpe, J. e Portocarrero, L. (EGP) (1979)⁵. Este esquema de classes é interessante para a análise por que está mais voltado à distinção entre relações de emprego que à hierarquização entre os grupos ocupacionais (Costa Ribeiro (2003)). Outro ponto importante neste esquema é que as categorias ocupacionais já definidas pelos pesquisadores (EGP) agregam o tipo de classificação ocupacional encontrado nas PNADs o que facilita o trabalho de pesquisadores brasileiros, sobretudo, em estudo de comparabilidade internacional. Assim, nesta variável estão contidas as 7 categorias ocupacionais agregadas EGP, detalhadas na tabela abaixo:

Tabela 2 – Categorias Ocupacionais (EGP)

<i>Categorias ocupacionais (EGP)</i>	<i>Descrição das ocupações</i>
I-Profissionais (I+II)	Ocupações ligadas a profissionais liberais (médicos, advogados, dentistas e etc.), administradores e oficiais, gerentes, grandes proprietários, supervisores de trabalhadores não-manuais.
III-Não-manual de Rotina (III+IIIb)	Ocupações ligadas, principalmente, de escritório, trabalhadores religiosos, vendedores, oficiais de justiça, trabalhadores na educação
IVa-Empregadores	Comércio, Indústria e Hotelaria
IVb-Conta-própria	Comerciante conta-própria
V-Técnicos e Supervisores do manual qualificado (V+VI)	Artesãos e trabalhadores técnicos, serviços prestados
VIIa-Manual não qualificado	Trabalhadores domésticos, braçais e mal definidos
VIIb-Trabalhadores rurais (VIIb + IVc2)	Agricultores e outras ocupações agropecuárias

Conforme especificado no item 3.1 a estimação dos parâmetros do modelo logístico multinomial é feita mediante a indicação de uma categoria da variável resposta como categoria base. Neste caso, foi escolhida a categoria: **VIIa-Manual não qualificado**, pois, geralmente se utiliza como categoria de base o nível com maior número de casos (Powers e Xie, 2000).

⁵ Ler também o clássico estudo de mobilidade social realizado por Erikson e Goldthorpe (1993) *The Constant Flux*.

4.2. Variáveis explicativas

A escolha das variáveis explicativas foi orientada pela discussão preliminar sobre mobilidade ocupacional, migração e cor no Brasil. Assim, optou-se por organizá-las e codificá-las da seguinte forma: a variável cor ou raça disponível nos bancos de dados de 1988 e 1996 foi refeita para dar lugar à divisão de (1) *brancos* e (2) *não-brancos* (junção de pretos + pardos), eliminou-se, portanto, outros grupos de cor (amarelo e indígena) por representarem apenas 1% do total de casos no banco. Esta variável é importante para o modelo por que não mostra apenas que a condição de cor ou raça está ligada aos diferenciais de acesso à escola entre brancos, pretos e pardos, mas, a elementos que revelam uma discriminação no mercado de trabalho que quando combinados produzem uma inserção diferenciada dos grupos nas categorias ocupacionais.

A variável idade foi inserida na análise como variável controle. Neste caso, criou-se um corte etário o qual apenas homens chefes do domicílio serão analisados com idade entre 25 e 64 anos. Estudos indicam que nestas idades os indivíduos apresentam maior estabilidade em seu ciclo de vida.

Quanto à variável contendo grupos *migrantes* e *não-migrantes*, foram retiradas das variáveis UF onde mora e UF que nasceu, e definidas da seguinte forma: Os não-migrantes: *no Nordeste* (1). Os não-migrantes *no Sudeste* (2) (representando Rio de Janeiro e São Paulo). Os migrantes no Sudeste: *migrantes do Nordeste* (3). Para a escolha destas variáveis reconhece-se que: a Região Sudeste foi escolhida como região de destino por que, mesmo com uma contínua diminuição da entrada de migrantes, entre os anos de 1986 e 1991, na Região, esta continuava sendo a grande responsável pela absorção de migrantes (a Região Sudeste recebia 44,9% dos migrantes de todo o país; enquanto isso, a Região Norte recebia 12,5% de migrantes; a Região Nordeste 14,6%; a Região Sul 9% e a Região Centro-Oeste 19,3%: Censo Demográfico 1991). A Região Nordeste como de emigração por que continua sendo a que mais sofre com evasão populacional (A Região Nordeste respondia por 61,9% dos migrantes na Região Sudeste e as demais regiões juntas respondiam apenas por 34,3% dos migrantes nesta Região: Censo Demográfico 1991). Neste caso, os migrantes selecionados foram os que tinham 5 anos ou mais de moradia no local de destino. Estudos vêm revelando que quanto maior o tempo de residência melhor a inserção dos migrantes no contexto sócio-econômico no local de

destino (Scalon e Cano, 1997; Cunha, 2002)

Já a variável, nível educacional, entra em cena, também, como variável controle. Como se sabe entre as ocupações há a exigência de certos perfis educacionais que podem criar desigualdades de inserção ocupacional se avaliada por sexo, por cor, por idade etc. Desse modo, a variável escolaridade foi dividida em: (1) 0 a 4 anos de estudo; (2) 5 a 8 anos de estudo; (3) 9 a 12 anos de estudo e; (4) 13 anos de estudo e mais.

Por fim, criou-se a variável *origem* de classe, adaptadas também às 7 categorias ocupacionais EGP⁶ evidenciada no item 4.1. Esta variável se refere justamente ao primeiro emprego que o pai do respondente tinha quando ele tinha 15 anos.

4.3. Ajuste do modelo para as categorias ocupacionais

Todas as variáveis explicativas descritas acima foram utilizadas no modelo. Isto se justifica por dois motivos: primeiro, optou-se por manter na análise do modelo apenas aquelas variáveis que, pelo Teste Wald, fossem significativas ao nível de 5%. Desse modo, pelo teste de hipóteses contidos nas Tabelas JKA-1988 e JKB-1996 (Ver anexos), observou-se que o efeito das variáveis selecionadas: origem ocupacional, cor, migração, idade e escolaridade sobre o destino ocupacional é significativo ao nível de .05. Segundo, que a estimação do modelo escolhido (1988-Log likelihood = **-9825739.1** e 1996- Log likelihood: **-11390473**) é igual ao modelo estimado testado (1988-Log-Lik Full Model: **-9825739.1** e 1996 - Log-Lik Full Model: **-11390473**) nos dois anos (Ver anexos: Tabela J-1988 e Tabela K).

Assim, com a definição do modelo, obteve-se a seguinte especificação: a variação dos logaritmos das diversas chances relativas é dada por um certo coeficiente β correspondente à variação de uma única variável. Por exemplo, a variação

$\Delta \log \frac{P_I}{P_{VIIa}}$ quando a variável O_OCp_III assume valor 1 é -0,2897691, de acordo com a

Tabela J-1988.

Conforme especificado no item 4.1 a categoria **VIIa-Manual não-qualificado** foi escolhida como a categoria base. Desta forma, os coeficientes referem-se aos logitos: $\ln\left(\frac{I}{VIIa}\right)$; $\ln\left(\frac{III}{VIIa}\right)$; $\ln\left(\frac{IVa}{VIIa}\right)$; $\ln\left(\frac{IVb}{VIIa}\right)$; $\ln\left(\frac{V}{VIIa}\right)$; $\ln\left(\frac{VIIb}{VIIa}\right)$.

⁶ Iniciais para Erikson, Goldthorpe e Portocarrero.

Na interpretação dos parâmetros no modelo da Tabela J-1988 (Ver anexo), observou-se que as vantagens, ou chances relativas, $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$, diminuía à medida que a ocupação de origem(pai) tornava-se menos qualificada. Ou seja, as categorias ocupacionais de origem(pai) determinaram a seguinte cadeia de variação de chances relativas $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$: $VIIIb_{(0,35)} < VIIa_{(0,46)} < V_{(0,50)} < IVb_{(0,60)} < IVa_{(0,64)} < III_{(0,75)} < I$.

As $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$, de acordo com a ocupação de origem(pai) nos estratos III, IVa, IVb e V, respectivamente, vêm evidenciar mais uma vez que as chances relativas à ocupação da pessoa estavam relacionadas à classe de origem (pai). Neste caso os níveis indicaram que quanto mais qualificada era a ocupação de origem(pai) mais aumentavam as chances dos indivíduos se inserirem em ocupações também qualificadas. A chance relativa $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ diminuiu à medida que a ocupação do pai aumentou de qualificação. Por exemplo, observou-se que esta chance relativa era, em 1988, 290% (3,9) maior quando a ocupação de origem era VIIb-Trabalhadores rurais do que quando a ocupação de origem não era VIIb.

Quanto à cor, constata-se para todas as probabilidades que: 1. a vantagem $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$ dos brancos é 1,4 vezes maior (ou um efeito 40% maior em favor dos brancos) em relação a não-brancos; 2. a vantagem $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$ dos brancos é 1,09 vezes maior que a dos não-brancos (ou um efeito 9% maior em favor dos brancos); 3. a vantagem $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos é 2,24 vezes maior do que para não-brancos (ou um efeito 124% maior em favor dos brancos); 4. a vantagem $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ dos brancos é 1,83 vezes maior do que a dos não-brancos (ou um efeito 83% maior em favor dos brancos); 5. a vantagem $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos é 0,85 vezes maior do que para os não-brancos (ou um efeito 15%

a menos em favor dos brancos); e 6. a vantagem $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos é 1,05 vezes que para não brancos (ou um efeito 5% a mais em favor dos brancos). Isto indica que praticamente para todas as probabilidades $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ a cor branca é a mais favorecida quando se trata de chances relativas de mobilidade de um estrato a outro.

Analisando migrantes e não-migrantes no modelo, a vantagem $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$ era (0,75) 25% menor para os migrantes do Nordeste no Sudeste, e (1,06) 6% maior para não-migrantes no Sudeste, em relação aos não-migrantes nordestinos. A vantagem $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$ era (1,06) 6% maior para os migrantes nordestinos no Sudeste e para os não-migrantes no Sudeste era (1,24) 24% maior em relação aos não-migrantes nordestinos. A vantagem $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$ era (0,66) 34% menor para migrantes nordestinos no Sudeste e (1,14) 14% maior para os não-migrantes no Sudeste, também em relação aos não-migrantes no Nordeste. A vantagem $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ era (0,25) 75% menor para os migrantes do nordeste no Sudeste e (0,28) era 72% menor para não-migrantes no Sudeste, em relação aos não-migrantes no Nordeste. Com relação à vantagem $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$, esta era (1,44) 44% maior tanto para migrantes do nordeste no Sudeste quanto para os não-migrantes no Sudeste em relação aos não-migrantes no Nordeste. Por fim, verificou-se que a vantagem $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ era de (0,04) 96% menor para migrantes do nordeste no Sudeste e era (0,38) 62% menor para os não-migrantes no Sudeste em relação aos não-migrantes no Nordeste.

De acordo com o modelo, quanto maior o grau de escolaridade maiores foram as vantagens nas $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right), \left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$. No entanto,

quando se analisou a vantagem $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ pela escolaridade observou-se um efeito inverso em relação ao anterior, ou seja, quanto maior era escolaridade da pessoa, menores eram suas chances de cair para um estrato do tipo VIIb-Trabalhadores rurais.

Analisando a variável idade no modelo, observou-se um efeito análogo ao que ocorrera na análise de escolaridade, isto é, as vantagens $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ diminuíram à medida que a idade aumentou, e a chance relativa $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ para uma pessoa jovem era menor do que para uma pessoa com mais idade.

Na interpretação dos parâmetros no modelo da Tabela K-1996, em comparação ao de 1988 da Tabela K (Ver anexos), observou-se que as vantagens, ou chances relativas, $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$, também diminuíam à medida que a ocupação de origem(pai) tornava-se menos qualificada. Mas, para este ano, as categorias ocupacionais de origem(pai) determinaram a seguinte cadeia de variação de chances relativas $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$: VIIb_(0,23)<VIIa_(0,31)<V_(0,48)<IVb_(0,53)<IVa_(0,77)>III_(0,66)<I. Com uma chance relativa $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$ um pouco melhor que para a chance relativa $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$. Analisando-se a relação entre as vantagens $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ e a ocupação de origem(pai) pelos estratos III, IVa, IVb e V, respectivamente, chega-se à mesma conclusão encontrada em 1988, de que as chances relativas à ocupação da pessoa estavam relacionadas à classe de origem (pai).

Observou-se, em 1988, que quanto mais qualificada era a ocupação de origem(pai) mais aumentavam as chances dos indivíduos se inserirem em ocupações também qualificadas. O mesmo observou-se em 1996. No entanto, a chance relativa $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ segundo a ocupação de origem(pai) nos estratos, IVa_(2,14) e IVb_(2,15), foi bastante alta.

Com relação à variável cor, em 1996, constataram-se as seguintes probabilidades relativas: 1. a vantagem $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos foi 1,7 vezes maior que para não-brancos (ou um efeito 70% maior em favor dos brancos), evidenciando um aumento em relação a 1988; 2. a chance relativa $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos foi 1,2 vezes maior que para não-brancos (ou um efeito 20% maior em favor dos brancos), o que o mostra um aumento em relação a 1988; 3. a vantagem $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos foi 2,24 vezes maior que para não-brancos (ou um efeito 124% maior em favor dos brancos), mantendo-se em relação a 1988; e 4. a vantagem $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ dos brancos está 1,8 vezes à frente dos não-brancos (ou um efeito 83% maior em favor dos brancos). A vantagem $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ para brancos (0,98) foi 2% menor que para os não-brancos (em 1988 esse efeito era de 15%).

Com relação a migrantes e não-migrantes no modelo, em 1996, a vantagem $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$ foi (1,17) 17% maior para os migrantes do Nordeste no Sudeste (em 1988 era 25% menor), e foi (0,83) 16% menor para não-migrantes no Sudeste (em 1988 era 6% maior), em relação aos não-migrantes nordestinos. A vantagem $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$ era, em 1996, (0,94) 6% menor para os migrantes nordestinos no Sudeste (em 1988 era 6% maior) e para os não-migrantes no Sudeste era (0,95) 5% menor (em 1988 era 24% maior) em relação aos não-migrantes nordestinos. Já a chance relativa $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$ era (0,55) 45% menor para migrantes nordestinos no Sudeste (em 1988 era 34% menor) e (0,99) 1% menor para os não-migrantes no Sudeste (em 1988 era 14% maior), em relação aos não-migrantes no Nordeste. A vantagem $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ era (0,55) 45% menor para os migrantes do nordeste no Sudeste (em 1988 era 75% menor) e (0,57) 43% menor para não-migrantes no Sudeste (em 1988 era 72% menor), todos em relação aos não-migrantes no

Nordeste. A vantagem $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ era, em 1996, (1,31) 31% maior para migrantes do nordeste no Sudeste (em 1988 era 44% maior) e era (1,07) 7% maior para não-migrantes no Sudeste (em 1988 era também 44% maior) em relação aos não-migrantes no Nordeste. Estes últimos valores representam uma relativa piora das vantagens de migrantes e não-migrantes no Sudeste em relação ao resultado de 1988 para o estrato V. Para a vantagem $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ observou-se, que era (0,05) 95% menor para migrantes do nordeste no Sudeste (em 1988 era 96% menor) e (0,41) de 59% menor para não-migrantes no Sudeste (em 1988 era 62% menor) em relação aos não-migrantes no Nordeste.

A variável escolaridade no modelo de 1996 não apresentou nenhuma surpresa, continuou evidenciando que quanto maior o grau de escolaridade maiores as vantagens $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ e a chance relativa $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$, ou seja, continua difícil alguém com escolaridade acima de 5 anos de estudo cair para um estrato do tipo VIIb-Trabalhadores rurais.

A variável idade no modelo de 1996 também se comportou de maneira parecida com o modelo de 1988. Ou seja, pode-se repetir que as vantagens $\left(\frac{P_I}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{III}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVa}}{P_{VIIa}}\right)$, $\left(\frac{P_{IVb}}{P_{VIIa}}\right)$ e $\left(\frac{P_V}{P_{VIIa}}\right)$ diminuíram à medida que a idade aumentou. E a chance relativa $\left(\frac{P_{VIIb}}{P_{VIIa}}\right)$ para uma pessoa jovem continuou menor do que para uma pessoa com mais idade.

Em resumo, pode-se dizer que por esta descrição as variáveis apresentaram efeitos bastante diferenciados sobre a variável resposta: ocupação da pessoa. Observou-se, no ano de 1988 que a manutenção da ocupação da pessoa dependia basicamente da ocupação que havia sido exercida pelo pai (origem). Em 1996, o quadro era outro, a ocupação de origem(pai) não foi suficiente para manter seus filhos no mesmo estrato, o que permitiu que estes se inserissem em ocupações menos qualificadas.

Outro destaque nesta análise foram os resultados de 1988 que mostraram indivíduos de cor branca mais favorecida com relação às chances relativas de mobilidade de um estrato a outro, a exceção foi no estrato V-Técnicos e Supervisores do trabalho

manual qualificado onde indivíduos não-brancos apresentaram vantagem. Em 1996, A vantagem dos não-brancos em relação aos brancos no estrato V se reduz, evidenciando a força das chances relativas de mudanças de estrato para indivíduos de cor branca.

Em 1988, migrantes apresentaram boas chances de mobilidade ocupacional pelo menos nos estratos III-Não-Manual de Rotina, V-Técnicos e supervisores; e os não-migrantes no Nordeste ficaram em vantagem em relação a dois estratos: o IVa-Conta-própria e o VIIb-Trabalhadores rurais, ocupações que podem ser descritas de certa forma, como mais precárias e sem exigência de qualquer qualificação educacional, típicas da região nos anos 80. Em 1996, observou-se, principalmente, que os migrantes tiveram boas chances de mobilidade ocupacional nos estratos I-Profissionais e V-Técnicos e supervisores, o que indica, sobretudo, que houve uma decisão de migrar com maior escolaridade; e os não-migrantes no Nordeste continuaram em vantagem em relação aos seus dois estratos principais o IVa-Conta-própria e VIIb-Trabalhadores rurais. Destaque para o estrato III-Não-Manual de Rotina, indicando o aumento de atividades no serviço público, educação etc. na Região.

A variável escolaridade apresentou efeitos já esperados para os dois anos. Assim, constatou-se que quanto maior a escolaridade mais oportunidades de mudanças de status ocupacional e menos chances de saída os indivíduos para estratos de baixo prestígio. Para a idade, as vantagens, em termos de chances, foram: quanto mais jovens mais chances os indivíduos teriam de perseguir uma carreira com status de mais prestígio.

Enfim, pode-se finalizar este trabalho evidenciando que algumas questões ainda podem permanecer em aberto e não cobrir totalmente este objeto de estudo. No entanto, para este tipo de análise é esperado que isto aconteça, pois, sempre existirão perguntas sem respostas, ou respostas incompletas, neste campo de análise.

Bibliografia:

- BAENINGER, Rosana. (1999), *Região, MetrÓpole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes – Brasil, 1980-1996*. Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado em Sociologia. (Orientadora: Profa. Dra. Neide Lopes Patarra).
- BOUDON, Raymond (1995), Mobilidade. In: *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- BOURDIEU, Pierre. (1979), *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris, Éditions de Minuit (Cap. II, III, IV, V e VII). (versão utilizada: Espanhol)
- BREEN, R. (Org.) (2004), *Social Mobility in Europe* (Introdução, Capítulos I, II e III). Oxford University Press. 429 f.
- BRITO, F. (2000). Brasil, Final de Século: A Transição para um Novo Padrão Migratório. Mimeo.
- CARVALHO, J. A., BRITO, F., RIBEIRO, J. E RIGOTTI, I (1998). Minas Gerais, Uma Nova Região de Atração Populacional. In: *Seminário de Economia Mineira*. Diamantina.
- COSTA RIBEIRO, Carlos Antônio and SCALON, Maria Celi. (2001), Mobilidade de Classes no Brasil em Perspectiva Comparada. *Dados: Revista De Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 44, pp. 53-96.
- _____. (2002), *The Brazilian Occupational Structure*. PhD. Dissertation Thesis, Columbia University.
- _____. (2005), *Estrutura de Classe e Mobilidade Social no Brasil*. (upcoming).
- DAHRENDORF, R. (1959) *Class and Class Conflict in Industrial Society*, pp. 41-51. Leland Stanford Junior University.
- DURHAM, E. A. (1984) Caminho da Cidade. Perspectiva.
- ERIKSON, R. and GOLDTHORPE, Jonh H. (1993), *The Constant Flux: a study of class mobility in industrial societies*. Oxford, Oxford University Press.
- FEARTHERMAN, David L. and HAUSER, Robert M. (1976), Prestige or Socioeconomic Scales in the Study of Occupational Achievement?. *Sociological Methods and Research*, Sage Publication, n 4 (May 1976), pp. 403-5.
- GAZENBOOM, H. B. G., TREIMAN, D. J and ULTEE, W. C. (1991). Comparative Intergenerational Stratification Research: Three Generations and Beyond. In: *Annual Reviews of Sociology*. Pp-17:277-302.
- GOLDTHORPE, J. H. (2000), *On Sociology: numbers, narratives, and the integration of the research and theory*. Oxford University Press.
- _____. (1974), *The Social grading of occupations: a new approach and scale*. Oxford, Clarendon Press.
- GOLDTHORPE, Jonh H. and HOPE, Keith. (1972), *Occupational Grading and Occupational Prestige, in the Analysis of Social Mobility: Methods and Approaches*. Oxford, Oxford University Press.
- GOLDTHORPE, J. H. LLEWELLYN C. E PAYNE, C. (1987) - *Social Mobility and Class Structure in Modern Britain*. Oxford, Clarendon Press.
- GRUSKY, David B. (Org.) (2001) *Social Stratification, Class, Race and Gender in Sociological Perspective*. Colorado, Westview Press.
- GUIDDENS, A. (1973), *The Class Structure of the Advanced Societies*, pp. 41-49, 102-12. Haper Collins Publishers.

- HASENBALG, C. (1979), *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal.
- _____. e VALLE SILVA, Nelson do. (1988), *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro, IUPERJ.-VÉRTICE.
- HOUT, Michael. (1983), *Mobility tables*. Sage Publications.
- JANNUZZI, Paulo de Martino. (2000), *Migração e Mobilidade Social, Migrantes no Mercado de Trabalho Paulista*. São Paulo, IFCH-UNICAMP-FAPESP-Editora AutoresAssociados.
- KATZMAN, Martin T. (1986), Urbanização no Brasil a partir de 1945. In: BACHA, E. KLEIN, H. S. *A transição incompleta: Brasil desde 1945*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.177-229.
- LOCWOOD, David (1974), In: *Hierarquias em Classes*. AGUIAR, Neuma (Org.), Zahar Editores.
- LIEBERSON, Stanley (2001), Understanding Ascriptive Stratification: Some Issues and Principles. (Org: Devine, F. and Waters M. C) In: *Social Stratification in Sociological Perspective*. Colorado, Westview Press.
- LIPSET, S. and ZETTERBERG, H. (1956), Social Mobility in Industrial Societies. In: LIPSET, S. and BENDIX, R. (Ed.). (1959), *Social Mobility in Industrial Society*. Berkeley: University of California Press.
- MARTINS, H.H.T.S. e RAMALHO, Jr. (1994) (orgs.) *Terceirização: Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho*. São Paulo, HUCITEC/CEDI-NETS.
- PASTORE, José. (1979), *Desigualdades e Mobilidade social no Brasil*. São Paulo, USP.
- _____. e ZYLBERSTAJN, Hélio. (?), *Tendências da mobilidade social no Brasil e em São Paulo.....*
- PATARRA, N. (1978) Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30. In: FAUSTO, B. (org) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, III (4), p. 249-268.
- POCHMAN, Márcio, (2001) *O emprego na globalização. A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo.
- QUADROS, W. J. (1997), A reestruturação das empresas e o emprego da classe média. In: OLIVEIRA, C.E.B. & MATTOSO, J.E.L. *Crise e Trabalho no Brasil*. São Paulo, Scritta, PP. 171-188.
- SEYMOUR, Lipset M. and BENDIX, Reinhard. (1959), *Social Mobility in Industrial Society*. Berkeley, University of California Press.
- SANTOS, José A. F. (2002), *Estrutura de Posições de Classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda*. Ed UFMG, Minas Gerais, IUPERJ, Rio de Janeiro.
- _____. (2005), Uma Classificação Sócio-Econômica para o Brasil, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Junho, Vol. 20, n 058. 20 f.
- SCALON, C. 1998. Mapeando estratos: critérios para escolha de uma classificação. *Dados*, vol. 41, n. 2, Rio de Janeiro.
- _____. (1999), *Mobilidade Social no Brasil: Padrões e Tendências*. Rio de Janeiro, Revan-Iuperj-UCM.
- _____. e CANO, Inácio. (1999), *Perfil e Impacto da Migração no Brasil: O caso do migrante nordestino no Sudeste*. Rio de Janeiro, RJ.Mimeo.

- SOUZA, J, BRITO, F., CARVALHO, J. A., *Análise de Coortes de Imigrantes: um Exercício Metodológico na Tentativa de se Avaliar a seletividade da Reemigração*. II Encontro Nacional de Migração, ABEP/IPARDES, 1997.
- TREIMAN, Donald J. (1976), *Occupational Prestige in Comparative Perspective*. New York, Academic Press.
- TILLY, C. (1990), Transplanted Networks. In: Yans-Maclaughlin, V. (ed.) *Immigration reconsidered: history, sociology and politics*. Oxford. University Press. p 79-95.
- IPEA (1997), *O Brasil na Virada do Milênio, Trajetórias do Crescimento e Desafios do Desenvolvimento*. Volume I.
- SILVA, N. do V., (1981), Cor e o Processo de Realização Sócio-Econômica, *DADOS-Revista de Ciências Sociais*, vol. 24, No. 3, p. 391-409.
- WEBER, Max (1946), *Essays of Sociology*. Oxford University Press.
- _____. (1947), *The Theory of Social and Economic Organization*. Free Press.
- WRIGHT, O. E. (1984) "A General Framework for the Analysis of Class Structure" in: *Politics and Society*, pp. 383-422.

ANEXOS

Tabela I - Descrição das variáveis explicativas do modelo Multinomial Logit -1988 e 1996

		1988 – Homens chefes do domicílio					1996– Homens chefes do domicílio				
Variáveis		I - Profissionais					I – Profissionais				
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	
O_OCp	965306	5.020.129	2.295.231	10	72	1010362	483.113	2.322.409	10	72	
Mig	955845	8.515.495	3.632.638	3	11	1220388	.7843653	.4112621	0	1	
Cor	1167344	.8058481	.3955465	0	1	1015556	8.327.468	3.694.753	3	11	
Escol	1127804	4.716.365	1.867.288	1	6	1120031	4.820.136	165.126	1	6	
Id (idade)	1195391	4.014.857	9.245.326	25	64	1175183	4.087.913	881.503	25	64	
		III – Não manual de rotina					III – Não manual de rotina				
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	
O_OCp	1056553	5.769.674	1.924.954	10	72	1345272	5.700.849	1.865.679	10	72	
Mig	1378781	.6668905	.4713255	0	1	1709033	.6214631	.4850225	0	1	
Cor	1179287	7.944.255	3.782.562	3	11	1442308	7.451.035	3.865.813	3	11	
Escol	1294056	3.134.184	1.968.265	1	6	1596281	367.644	1.750.635	1	6	
Id (idade)	1397159	3.878.032	9.981.206	25	64	1530090	3.878.513	9.610.972	25	64	
		IVa – Empregadores					IVa – Empregadores				
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	
O_OCp	541523	5.667.714	1.912.331	10	72	564510	5.485.939	1.947.316	10	72	
Mig	503577	8.437.292	3.653.608	3	11	663477	.7829872	.4122117	0	1	
Cor	636804	.8091281	.3929886	0	1	514270	7.995.506	3.806.434	3	11	
Escol	630056	3.016.341	2.113.083	1	6	650234	3.662.132	1.939.546	1	6	
Id (idade)	658953	423.965	9.732.846	25	64	631430	4.216.583	9.291.742	25	64	
		IVb – Conta-Própria					IVb – Conta-Própria				
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	
O_OCp	488703	6.449.246	1.391.558	10	72	771262	6.185.993	1.620.228	10	72	
Mig	485612	5.283.529	3.535.882	3	11	899471	.6150715	.4865787	0	1	
Cor	566195	.5620678	.4961331	0	1	758451	6.161.782	3.804.568	3	11	
Escol	466079	1.924.714	1.544.922	1	6	810722	2.614.003	17.713	1	6	
Id (idade)	582167	426.293	1.032.003	25	64	826816	4.323.302	9.747.639	25	64	

Fonte: PNAD-IBGE 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

Continuação

Tabela I - Descrição das variáveis explicativas do modelo Multinomial Logit - 1988 e 1996

Variáveis	1988 – Homens chefes do domicílio					1996– Homens chefes do domicílio				
	V – Técnicos, supervisores e trabalhadores					V – Técnicos, supervisores e trabalhadores				
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
O_OCp	2209335	11.8943	65.83007	10	72	2501882	6.399.816	134.846	10	72
Mig	2444742	705.959	3.818.541	3	11	3167255	.525927	.4993274	0	1
Cor	2782885	.5482142	.4976701	0	1	2713836	6.839.767	3.832.461	3	11
Escol	2354384	1.877.279	1.464.355	1	6	2832960	2.529.926	1.559.068	1	6
Id (idade)	2807591	3.993.207	9.770.866	25	64	2894950	405.669	9.606.672	25	64
VIIa – Manual não-qualificado					VIIa – Manual não-qualificado					
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
O_OCp	2566724	6.716.618	1.153.728	10	72	2999447	6.631.072	1.223.882	10	72
Mig	2837822	6.558.555	3.818.777	3	11	3777925	.485904	.4998013	0	1
Cor	3285156	.515318	.4997654	0	1	3185537	6.452.279	381.711	3	11
Escol	2535378	1.702.037	1.293.039	1	6	3248301	2.395.795	1.422.914	1	6
Id (idade)	3302477	4.049.555	1.017.145	25	64	3391412	4.021.354	983.007	25	64
VIIb – Trabalhadores rurais					VIIb – Trabalhadores rurais					
Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
O_OCp	2868267	7.073.555	6.747.386	10	72	3558924	7.081.262	6.069.173	10	72
Mig	2713227	4.328.754	2.961.072	3	11	4008278	.3601816	.480053	0	1
Cor	3189925	.3628659	.4808267	0	1	3371343	4.239.849	2.870.495	3	11
Escol	1441584	1.495.284	1.137.418	1	6	2333659	1.892.914	1.201.625	1	6
Id (idade)	3211233	43.409	1.095.512	25	64	3313246	4.384.684	1.087.985	25	64

Fonte: PNAD-IBGE 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

Modelo Multinomial logit para os anos de 1988, **Tabela J** e 1996, **Tabela K** para homens chefes do domicílio

Tabela J - 1988

i.O_OCp _IO_OCp_10 (I)-72(VIIb)
i.Cor _ICor_1-2
i.mig _IMig_1-3
i.Escol _IEscol_1-4

(naturally coded; _IO_OCp_10(I) omitted)
(naturally coded; _ICor_2 omitted)
(naturally coded; _IMig_1 omitted)
(naturally coded; _IEscol_1 omitted)

Iteration 0: log likelihood = -11762626
Iteration 1: log likelihood = -10330457
Iteration 2: log likelihood = -9942489.9
Iteration 3: log likelihood = -9829553.3
Iteration 4: log likelihood = -9825752.9
Iteration 5: log likelihood = -9825739.1
Iteration 6: log likelihood = -9825739.1

Multinomial logistic regression

Number of obs = 6534304
LR chi2(78) = 3873772.97
Prob > chi2 = 0.0000
Pseudo R2 = 0.1647
Log likelihood = **-9825739.1**

Measures of Fit for mlogit of filho7ca

Log-Lik Intercept Only: -1.176e+07
D(6534220): 1.965e+07

McFadden's R2: 0.165
Maximum Likelihood R2: 1.000
Count R2: 0.405
AIC: 3.007
BIC: -8.289e+07

Log-Lik Full Model: **-9825739.1**
LR(78): 3873772.969
Prob > LR: 0.000
McFadden's Adj R2: 0.165
Cragg & Uhler's R2: 1.000
Adj Count R2: 0.202
AIC*n: 1.965e+07
BIC': -3.873e+06

Tabela K - 1996

i.O_OCp _IO_OCp_10(I)-72(VIIb)
i.Cor _ICor_1-2
i.mig _IMig_1-3
i.Escol _IEscol_1-4

(naturally coded; _IO_OCp_10(I) omitted)
(naturally coded; _ICor_2 omitted)
(naturally coded; _IMig_1 omitted)
(naturally coded; _IEscol_1 omitted)

Iteration 0: log likelihood = -13588034
Iteration 1: log likelihood = -11960081
Iteration 2: log likelihood = -11933704
Iteration 3: log likelihood = -11799647
Iteration 4: log likelihood = -11425482
Iteration 5: log likelihood = -11391867
Iteration 6: log likelihood = -11390475
Iteration 7: log likelihood = -11390473
Iteration 8: log likelihood = -11390473

Multinomial logistic regression

Number of obs = 7527777
LR chi2(78) = 4395121.78
Prob > chi2 = 0.0000
Pseudo R2 = 0.1617
Log likelihood = **-11390473**

Measures of Fit for mlogit of filho7ca

Log-Lik Intercept Only: -1.359e+07
D(7527693): 2.278e+07
McFadden's R2: 0.162
Maximum Likelihood R2: 1.000
Count R2: 0.406
AIC: 3.026
BIC: -9.641e+07

Log-Lik Full Model: **-11390473**
LR(78): 4395121.779
Prob > LR: 0.000
McFadden's Adj R2: 0.162
Cragg & Uhler's R2: 1.000
Adj Count R2: 0.201
AIC*n: 2.278e+07
BIC': -4.394e+06

Continuação do Modelo

Tabela J – 1988					Tabela K - 1996			
Filho7ca	Coef.	Std. Err.	Z	P>z	Coef.	Std. Err.	Z	P>z
I								
_O_OCp_III	-.2897691	.0098976	-29.28	0.000	-.4087673	.0089517	-45.66	0.000
_O_OCp_Iva	-.4527663	.0110077	-41.13	0.000	-.2653752	.01102	-24.08	0.000
_O_OCp_IVb	-.5175889	.0098138	-52.74	0.000	-.6300304	.009576	-65.79	0.000
_O_OCp_V	-.6900571	.0084177	-81.98	0.000	-.7305096	.0080221	-91.06	0.000
_O_OCp_VIIa	-.7669823	.0082427	-93.05	0.000	-1.162031	.0080469	-144.41	0.000
_O_OCp_VIIb	-1.049152	.008107	-129.41	0.000	-1,45277	.0079805	-182.04	0.000
_ICor_1(Brancos)	.3331908	.0044131	75.50	0.000	.5638238	.0040533	139.10	0.000
_IMig_2(MN)	-.291398	.006681	-43.62	0.000	.1573104	.005772	27.25	0.000
_IMig_3(NS)	.0564198	.0044436	12.70	0.000	-.1780534	.0041175	-43.24	0.000
IEscoI(5a8)	1.716716	.0052443	327.35	0.000	1.182766	.0057503	205.69	0.000
IEscoI(9a12)	2.684.692	.0063807	420.76	0.000	2.395395	.0059992	399.29	0.000
IEscoI(13e+)	5.146402	.0076186	675.51	0.000	4.938316	.0075706	652.30	0.000
Id(Idade)	.0574285	.0001948	294.74	0.000	.0587278	.0002051	286.39	0.000
_cons	-4.293345	.0124702	-344.29	0.000	-4.456267	.0131909	-337.83	0.000
III								
_O_OCp_III	.354164	.0093842	37.74	0.000	.3619787	.0086742	41.73	0.000
_O_OCp_Iva	-.1046667	.0108947	-9.61	0.000	.1851338	.0107486	17.22	0.000
_O_OCp_IVb	-.1670487	.0094394	-17.70	0.000	.0524178	.0091929	5.70	0.000
_O_OCp_V	-.3392542	.0081903	-41.42	0.000	-.2052326	.0079535	-25.80	0.000
_O_OCp_VIIa	-.440363	.0080136	-54.95	0.000	-.6697047	.0079411	-84.33	0.000
_O_OCp_VIIb	-.7983385	.0078933	-101.14	0.000	-.8700851	.0078351	-111.05	0.000
_ICor_1(Brancos)	.0855536	.0033729	25.36	0.000	.1921892	.0030314	63.40	0.000
_IMig_2(MN)	.0576861	.0048963	11.78	0.000	-.0496292	.0044489	-11.16	0.000
_IMig_3(NS)	.2168023	.0036745	59.00	0.000	-.0658788	.0032984	-19.97	0.000
IEscoI(5a8)	1.162489	.0038853	299.20	0.000	.7608561	.0040474	187.98	0.000
IEscoI(9a12)	2.142411	.0049654	431.47	0.000	1.711483	.0044954	380.72	0.000
IEscoI(13e+)	2.823123	.0074372	379.59	0.000	2.954772	.0070097	421.53	0.000
Id(Idade)	.0292778	.0001651	177.34	0.000	.0282874	.0001767	160.10	0.000
_cons	-2.284022	.0109206	-209.15	0.000	-2.291547	.0116159	-197.28	0.000
Iva								
_O_OCp_III	-.189139	.0115659	-16.35	0.000	-.346608	.0104583	-33.14	0.000
_O_OCp_Iva	.9537224	.0112196	85.00	0.000	.6661779	.0114412	58.23	0.000
_O_OCp_IVb	-.1112877	.0110415	-10.08	0.000	.3735271	.0101512	36.80	0.000
_O_OCp_V	-.5643282	.0097935	-57.62	0.000	-.7657957	.0093988	-81.48	0.000
_O_OCp_VIIa	-.8271606	.0096665	-85.57	0.000	-1.354516	.009601	-141.08	0.000
_O_OCp_VIIb	-.8138741	.0092597	-87.89	0.000	-1.096637	.0090955	-120.57	0.000
_ICor_1(Brancos)	.8057072	.0051293	157.08	0.000	.805266	.0047662	168.95	0.000
_IMig_2(MN)	-.4213906	.0072743	-57.93	0.000	-.5894084	.0076571	-76.98	0.000
_IMig_3(NS)	.1301649	.004912	26.50	0.000	-.0097529	.0046046	-2.12	0.034
IEscoI(5a8)	.6636567	.0054246	122.34	0.000	.8820683	.0057361	153.77	0.000
IEscoI(9a12)	1.440726	.006879	209.44	0.000	1.63518	.0063321	258.24	0.000
IEscoI(13e+)	2.792071	.0080331	347.57	0.000	3.230281	.008007	403.43	0.000
Id(Idade)	.0438873	.0002078	211.23	0.000	.0520478	.0002298	226.50	0.000
_cons	-3.765641	.0136839	-275.19	0.000	-4.33352	.0147759	-293.28	0.000

(Outcome filho7ca== viia – manual não-qualificado is the comparison group)

Fonte: PNAD-IBGE, 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

Continuação do Modelo

Tabela J – 1988					Tabela k – 1996			
Filho7ca	Coef.	Std. Err.	Z	P>z	Coef.	Std. Err.	Z	P>z
Ivb								
_O_OCp_III	-.057726	.0174127	-3.32	0.001	.0760208	.0121848	6.24	0.000
_O_OCp_Iva	.5096876	.0177905	28.65	0.000	.8143763	.0132889	61.28	0.000
_O_OCp_IVb	.933529	.0146903	63.55	0.000	.9732212	.0114873	84.72	0.000
_O_OCp_V	-.100105	.0144962	-6.91	0.000	-.2852569	.0110278	-25.87	0.000
_O_OCp_VIIa	-.537770	.0145064	-37.07	0.000	-.6365694	.0110008	-57.87	0.000
_O_OCp_VIIb	-.033745	.0136814	-2.47	0.014	-.1322878	.010498	-12.60	0.000
_ICor_1(Brancos)	.6067164	.0045457	133.47	0.000	.5887749	.0036744	160.24	0.000
_IMig_2(MN)	-1.38707	.0072034	-192.56	0.000	-.6039585	.0052618	-114.78	0.000
_IMig_3(NS)	-1.25754	.0049615	-253.46	0.000	-.5625557	.003907	-143.99	0.000
IEscol(5a8)	.1704032	.0056611	30.10	0.000	.2419616	.0045848	52.78	0.000
IEscol(9a12)	.4084401	.0080184	50.94	0.000	.816837	.0054506	149.86	0.000
IEscol(13e+)	.6995872	.0128943	54.26	0.000	1.840193	.0082049	224.28	0.000
Id(Idade)	.0246334	.000219	112.48	0.000	.0420031	.0002026	207.32	0.000
_cons	-2.40542	.0169631	-141.80	0.000	-3.240988	.0144866	-223.72	0.000
V								
_O_OCp_III	.4034871	.0104076	38.77	0.000	-.2061422	.0088436	-23.31	0.000
_O_OCp_Iva	.1937568	.0117944	16.43	0.000	-.0170463	.010627	-1.60	0.109
_O_OCp_IVb	.1294499	.0103189	12.54	0.000	-.4861258	.0094115	-51.65	0.000
_O_OCp_V	.870195	.0088596	98.22	0.000	.3724969	.0077284	48.20	0.000
_O_OCp_VIIa	.143213	.0088355	16.21	0.000	-.5685267	.0077712	-73.16	0.000
_O_OCp_VIIb	.3123937	.0086554	36.09	0.000	-.4750305	.007614	-62.39	0.000
_ICor_1(Brancos)	-.165865	.0025432	-65.22	0.000	-.0196099	.00235	-8.34	0.000
_IMig_2(MN)	.3638452	.003466	104.98	0.000	.2709783	.0032008	84.66	0.000
_IMig_3(NS)	.3637619	.0029037	125.27	0.000	.066829	.0026626	25.10	0.000
IEscol(5a8)	.1970545	.0031347	62.86	0.000	.0620252	.0029944	20.71	0.000
IEscol(9a12)	.4201727	.0047647	88.18	0.000	.3337446	.0037897	88.07	0.000
IEscol(13e+)	.7601299	.0080536	94.38	0.000	.7760308	.0073693	105.31	0.000
Id(Idade)	.0056932	.0001292	44.06	0.000	.0127994	.0001447	88.47	0.000
_cons	-.872180	.0103742	-84.07	0.000	-.5047107	.0102573	-49.21	0.000
VIIb								
_O_OCp_III	.1138029	.0154117	7.38	0.000	-.0997578	.0205322	-4.86	0.000
_O_OCp_IVa	.1015486	.0174988	5.80	0.000	.7676694	.0212017	36.21	0.000
_O_OCp_IVb	-.307634	.0150685	-20.42	0.000	.7612712	.0185405	41.06	0.000
_O_OCp_V	-.572425	.0135363	-42.29	0.000	-.2435835	.0180162	-13.52	0.000
_O_OCp_VIIa	-1.00364	.0135212	-74.23	0.000	-.3231661	.0177516	-18.20	0.000
_O_OCp_VIIb	1.362253	.0122652	111.07	0.000	2.14366	.0169906	126.17	0.000
_ICor_1(Brancos)	.0489001	.0030804	15.87	0.000	-.0699552	.0027368	-25.56	0.000
_IMig_2(MN)	-3.19264	.0081543	-391.53	0.000	-.299.022	.0068972	-433.54	0.000
_IMig_3(NS)	-.955637	.0032856	-290.86	0.000	-.8867187	.0030195	-293.66	0.000
IEscol(5a8)	-.170556	.0040138	-42.49	0.000	-.1682562	.0034185	-49.22	0.000
IEscol(9a12)	-.561637	.0075917	-73.98	0.000	-1.027068	.0062157	-165.24	0.000
IEscol(13e+)	.7975607	.0102115	78.10	0.000	.4052861	.0097616	41.52	0.000
Id(Idade)	.0110595	.0001475	74.97	0.000	.0113976	.0001613	70.66	0.000
_cons	-1.14512	.0139163	-82.29	0.000	-1.729949	.0186693	-92.66	0.000

(Outcome filho7ca==viia – manual não-qualificado is the comparison group)

Fonte: PNAD-IBGE, 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

**** Wald tests for independent variables

Ho: All coefficients associated with given variable(s) are 0.

Tabela JA-1998				Tabela KA- 1996		
filho7ca	Chi2	df	P>chi2	chi2	df	P>chi2
_O_OCp_III	9511,95	6	0.000	13780,828	6	0.000
_O_OCp_IVa	25471,343	6	0.000	15586936	6	0.000
_O_OCp_IVb	11571,2	6	0.000	34324,605	6	0.000
_O_OCp_V	36856,61	6	0.000	28328,420	6	0.000
_O_OCp_VIIa	19893,238	6	0.000	27858,762	6	0.000
_O_OCp_VIIb	60673,608	6	0.000	71749,411	6	0.000
_ICor_1	59274,194	6	0.000	72462,847	6	0.000
_IMig_2(MN)	2,31E+05	6	0.000	2,39e+05	6	0.000
_IMig_3(NS)	2,26E+05	6	0.000	1,22e+05	6	0.000
_IEscol_2	1,93E+05	6	0.000	96.883.575	6	0.000
_IEscol_3	3,65E+05	6	0.000	3,60e+05	6	0.000
_IEscol_4	7,90E+05	6	0.000	6,91e+05	6	0.000
Id(Idade)	1,16E+05	6	0.000	1,19e+05	6	0.000

Segundo Modelo Multinomial logit para os anos de 1988, **Tabela L** e 1996, **Tabela M**
para homens chefes do domicílio

Tabela L - 1988

i.O_OCp _IO_OCp_10 (I)-72(VIIb)
i.nbmig _Inbmig_0-5
i.Escol _IEscol_1-4

(naturally coded; _IO_OCp_10(I) omitted)
(naturally coded; _Inbmig_0 omitted)
(naturally coded; _IEscol_1 omitted)

Iteration 0: log likelihood = -11762626
Iteration 1: log likelihood = -10330289
Iteration 2: log likelihood = -9937607.7
Iteration 3: log likelihood = -9823203.1
Iteration 4: log likelihood = -9819374.6
Iteration 5: log likelihood = -9819360.9
Iteration 6: log likelihood = -9819360.9

Multinomial logistic regression

Number of obs = 6534304
LR chi2(90) = 3886529.55
Prob > chi2 = 0.0000
Pseudo R2 = 0.1652
Log likelihood = **-9819360.9**

Measures of Fit for mlogit of filho7ca

Log-Lik Intercept Only: -1.176e+07
D(6534208): 1.964e+07
McFadden's R2: 0.165
Maximum Likelihood R2: 1.000
Count R2: 0.407
AIC: 3.006
BIC: -8.290e+07

Log-Lik Full Model: -9.819e+06
LR(90): 3886529.554
Prob > LR: 0.000
McFadden's Adj R2: 0.165
Cragg & Uhler's R2: 1.000
Adj Count R2: 0.205
AIC*n: 1.964e+07
BIC': -3.885e+06

Tabela M - 1996

i.O_OCp _IO_OCp_10(I)-72(VIIb)
i.nbmig _Inbmig_1-3
i.Escol _IEscol_1-4

(naturally coded; _IO_OCp_10(I) omitted)
(naturally coded; _Inbmig_0 omitted)
(naturally coded; _IEscol_1 omitted)

Iteration 0: log likelihood = -13588034
Iteration 1: log likelihood = -11959380
Iteration 2: log likelihood = -11929403
Iteration 3: log likelihood = -11795959
Iteration 4: log likelihood = -11421069
Iteration 5: log likelihood = -11387253
Iteration 6: log likelihood = -11385822
Iteration 7: log likelihood = -11385820
Iteration 8: log likelihood = -11385820

Multinomial logistic regression

Number of obs = 7527777
LR chi2(90) = 4404427.25
Prob > chi2 = 0.0000
Pseudo R2 = 0.1621
Log likelihood = -11385820

Measures of Fit for mlogit of filho7ca

Log-Lik Intercept Only: -1.359e+07
D(7527681): 2.277e+07
McFadden's R2: 0.162
Maximum Likelihood R2: 1.000
Count R2: 0.405
AIC: 3.025
BIC: -9.642e+07

Log-Lik Full Model: -1.139e+07
LR(90): 4404427.246
Prob > LR: 0.000
McFadden's Adj R2: 0.162
Cragg & Uhler's R2: 1.000
Adj Count R2: 0.200
AIC*n: 2.277e+07
BIC': -4.403e+06

Tabela L – 1988					Tabela M - 1996			
Filho7ca	Coef.	Std. Err.	Z	P>z	Coef.	Std. Err.	Z	P>z
I								
_O_OCp_III	-.285389	.0098983	-28.83	0.000	-.4127582	.0089536	-46.10	0.000
_O_OCp_Iva	-.4601792	.0110096	-41.80	0.000	-.2677575	.0110216	-24.29	0.000
_O_OCp_IVb	-.5163149	.0098133	-52.61	0.000	-.6322683	.0095756	-66.03	0.000
_O_OCp_V	-.6858334	.0084201	-81.45	0.000	-.7341087	.0080256	-91.47	0.000
_O_OCp_VIIa	-.7643842	.008243	-92.73	0.000	-1.165052	.0080499	-144.73	0.000
_O_OCp_VIIb	-1.049458	.0081081	-129.43	0.000	-1.45694	.0079824	-182.52	0.000
Inbmig_(MNEB)	.2612592	.0129201	20.22	0.000	.5694516	.0103483	55.03	0.000
Inbmig_(NNENB)	.2968914	.0118991	24.95	0.000	-.1276018	.0094681	-13.48	0.000
Inbmig_(NNEB)	.4856046	.0121839	39.86	0.000	.333233	.009692	34.38	0.000
Inbmig_(NSEB)	.1648109	.0128213	12.85	0.000	-.4179862	.0105761	-39.52	0.000
Inbmig_(NSENb)	.6687667	.0114444	58.44	0.000	.2411129	.0090489	26.65	0.000
IEscol(5a8)	1.713048	.0052453	326.59	0.000	1.182499	.0057517	205.59	0.000
IEscol(9a12)	2.685509	.0063823	420.78	0.000	2.395434	.0060004	399.21	0.000
IEscol(13e+)	5.13593	.0076196	674.04	0.000	4.935132	.007573	651.68	0.000
Id(Idade)	.0572083	.0001949	293.50	0.000	.0586636	.0002051	285.98	0.000
_cons	-4.530662	.0162846	-278.22	0.000	-4.287066	.0151813	-282.39	0.000
III								
_O_OCp_III	.357652	.0093848	38.11	0.000	.3598239	.0086747	41.48	0.000
_O_OCp_Iva	-.1038837	.0108963	-9.53	0.000	.1839444	.0107494	17.11	0.000
_O_OCp_IVb	-.1612032	.0094405	-17.08	0.000	.0511254	.0091928	5.56	0.000
_O_OCp_V	-.3327347	.008192	-40.62	0.000	-.210834	.007956	-26.50	0.000
_O_OCp_VIIa	-.4380679	.0080143	-54.66	0.000	-.6748232	.0079429	-84.96	0.000
_O_OCp_VIIb	-.7928573	.0078946	-100.43	0.000	-.8756853	.0078367	-111.74	0.000
Inbmig_(MNEB)	.0763303	.0084503	9.03	0.000	.3662593	.0077379	47.33	0.000
Inbmig_(NNENB)	-.073863	.0076782	-9.62	0.000	.1849495	.0067356	27.46	0.000
Inbmig_(NNEB)	.0266511	.0081884	3.25	0.001	.2849197	.0072435	39.33	0.000
Inbmig_(NSEB)	.1551536	.0081842	18.96	0.000	.0753245	.0073979	10.18	0.000
Inbmig_(NSENb)	.2515288	.0073247	34.34	0.000	.2909295	.0065843	44.19	0.000
IEscol(5a8)	1.161322	.0038852	298.91	0.000	.7598365	.0040475	187.73	0.000
IEscol(9a12)	214.051	.004965	431.12	0.000	1.710754	.0044955	380.55	0.000
IEscol(13e+)	2.819519	.0074406	378.94	0.000	2.954223	.0070127	421.27	0.000
Id(Idade)	.0290722	.0001651	176.09	0.000	.0282552	.0001768	159.84	0.000
_cons	-2.220157	.0126306	-175.78	0.000	-2.441999	.0128481	-190.07	0.000
Iva								
_O_OCp_III	-.1832631	.0115708	-15.84	0.000	-.3472062	.0104569	-33.20	0.000
_O_OCp_Iva	.9443305	.0112249	84.13	0.000	.6686338	.0114405	58.44	0.000
_O_OCp_IVb	-.1099959	.0110425	-9.96	0.000	.3747405	.0101505	36.92	0.000
_O_OCp_V	-.5585234	.0097969	-57.01	0.000	-.7730132	.009399	-82.24	0.000
_O_OCp_VIIa	-.8247746	.0096694	-85.30	0.000	-1.361747	.0096002	-141.85	0.000
_O_OCp_VIIb	-.8143163	.0092622	-87.92	0.000	-1.10191	.0090935	-121.18	0.000
Inbmig_(MNEB)	.6365991	.0146105	43.57	0.000	1.611372	.0193976	83.07	0.000
Inbmig_(NNENB)	.382824	.013902	27.54	0.000	1.241885	.0185344	67.00	0.000
Inbmig_(NNEB)	.985642	.0139886	70.46	0.000	1.991951	.018549	107.39	0.000
Inbmig_(NSEB)	.1840454	.0152563	12.06	0.000	1.33422	.0191892	69.53	0.000
Inbmig_(NSENb)	1.276094	.0132078	96.62	0.000	2.023295	.0181885	111.24	0.000
IEscol(5a8)	.6593203	.0054268	121.49	0.000	.8814869	.0057343	153.72	0.000

IEscol(9a12)	1.441479	.0068817	209.46	0.000	1.634166	.0063302	258.15	0.000
IEscol(13e+)	2.778743	.0080372	345.74	0.000	3.233889	.0080062	403.92	0.000
Id(Idade)	.0436033	.0002079	209.69	0.000	.0521672	.0002299	226.90	0.000
_cons	-4.05262	.0182871	-221.61	0.000	-5.567491	.0228092	-244.09	0.000

(Outcome filho7ca== viia – manual não-qualificado is the comparison group)

Fonte: PNAD-IBGE, 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

Continuação do Modelo

Tabela L – 1988					Tabela M – 1996			
Filho7ca	Coef.	Std. Err.	Z	P>z	Coef.	Std. Err.	Z	P>z
Ivb								
_O_OCp_III	-.0462727	.017406	-2.66	0.008	.0716945	.0121896	5.88	0.000
_O_OCp_Iva	.4938049	.0177851	27.77	0.000	.8063444	.0132956	60.65	0.000
_O_OCp_IVb	.9367023	.0146794	63.81	0.000	.9655191	.0114887	84.04	0.000
_O_OCp_V	-.0884978	.0144893	-6.11	0.000	-.2867911	.0110328	-25.99	0.000
_O_OCp_VIIa	-.5325749	.0144996	-36.73	0.000	-.6384105	.0110056	-58.01	0.000
_O_OCp_VIIb	-.0330393	.0136733	-2.42	0.016	-.1402482	.0105044	-13.35	0.000
Inbmig_(MNEB)	.3218468	.0142971	22.51	0.000	.4722603	.0095525	49.44	0.000
Inbmig_(NNENB)	1.248907	.0126092	99.05	0.000	.5869478	.0083324	70.44	0.000
Inbmig_(NNEB)	1.676898	.0128571	130.43	0.000	.9962387	.0086529	115.13	0.000
Inbmig_(NSEB)	-.6751628	.0174453	-38.70	0.000	-.4388413	.0108182	-40.57	0.000
Inbmig_(NSENb)	.6145942	.0126813	48.46	0.000	.6028105	.008268	72.91	0.000
IEscol(5a8)	.1628309	.0056596	28.77	0.000	.238987	.0045871	52.10	0.000
IEscol(9a12)	.4082106	.008013	50.94	0.000	.8134044	.005452	149.19	0.000
IEscol(13e+)	.6765388	.0128914	52.48	0.000	1.8235	.0082112	222.07	0.000
Id(Idade)	.0240696	.0002192	109.81	0.000	.0416005	.0002027	205.20	0.000
_cons	-3.567581	.0206087	-173.11	0.000	-3.733256	.016133	-231.40	0.000
V								
_O_OCp_III	.4092208	.0104096	39.31	0.000	-.2100756	.008845	-23.75	0.000
_O_OCp_Iva	.1830125	.0117966	15.51	0.000	-.0206349	.0106285	-1.94	0.052
_O_OCp_IVb	.1314906	.0103223	12.74	0.000	-.4881825	.0094128	-51.86	0.000
_O_OCp_V	.8768485	.0088616	98.95	0.000	.3683279	.0077309	47.64	0.000
_O_OCp_VIIa	.1457781	.0088364	16.50	0.000	-.572621	.0077732	-73.67	0.000
_O_OCp_VIIb	.3132755	.0086568	36.19	0.000	-.4801425	.0076161	-63.04	0.000
Inbmig_(MNEB)	-.3263609	.0054584	-59.79	0.000	.0254464	.0051728	4.92	0.000
Inbmig_(NNENB)	-.4096663	.0048966	-83.66	0.000	-.2124707	.0044245	-48.02	0.000
Inbmig_(NNEB)	-.7557956	.0057493	-131.46	0.000	-.3460038	.0051022	-67.82	0.000
Inbmig_(NSEB)	-.2573986	.0053795	-47.85	0.000	-.2365117	.0050013	-47.29	0.000
Inbmig_(NSENb)	-.2151014	.004667	-46.09	0.000	-.1777524	.0043592	-40.78	0.000
IEscol(5a8)	.1910482	.0031371	60.90	0.000	.0606191	.0029951	20.24	0.000
IEscol(9a12)	.418711	.0047668	87.84	0.000	.3323747	.0037909	87.68	0.000
IEscol(13e+)	.7422372	.0080601	92.09	0.000	.770848	.0073737	104.54	0.000
Id(Idade)	.005244	.0001294	40.51	0.000	.0126876	.0001448	87.63	0.000
_cons	-.3933746	.0110358	-35.65	0.000	-.2493198	.0107974	-23.09	0.000
VIIb								
_O_OCp_III	.1222627	.0154131	7.93	0.000	-.1012475	.020532	-4.93	0.000
_O_OCp_Iva	.0908662	.0175006	5.19	0.000	.7681129	.0212022	36.23	0.000
_O_OCp_IVb	-.3021543	.0150686	-20.05	0.000	.7617136	.0185402	41.08	0.000
_O_OCp_V	-.5616792	.0135385	-41.49	0.000	-.246919	.0180155	-13.71	0.000
_O_OCp_VIIa	-.9984234	.013523	-73.83	0.000	-.3268714	.017751	-18.41	0.000
_O_OCp_VIIb	1.364881	.0122661	111.27	0.000	2.140841	.0169896	126.01	0.000
Inbmig_(MNEB)	.0348862	.0166937	2.09	0.037	.1197028	.0135137	8.86	0.000

Inbmig_(NNENB)	3.23599	.0138364	233.82	0.000	3.113648	.0105103	296.25	0.000
Inbmig_(NNEB)	3.12192	.0140555	222.07	0.000	2.989448	.0107448	278.22	0.000
Inbmig_(NSEB)	1.99787	.0145774	137.01	0.000	2.221299	.0112092	198.17	0.000
Inbmig_(NSENb)	2.33754	.0138766	168.43	0.000	2.138411	.0106506	200.78	0.000
IEscoI(5a8)	-.1761178	.0040168	-43.85	0.000	-.1690241	.0034189	-49.44	0.000
IEscoI(9a12)	-.561363	.0075906	-73.95	0.000	-1.027286	.0062162	-165.26	0.000
IEscoI(13e+)	.7805776	.0102075	76.47	0.000	.4010289	.0097626	41.08	0.000
Id(Idade)	.0107261	.0001477	72.63	0.000	.0114029	.0001614	70.65	0.000
_cons	-4.319337	.0194446	-222.14	0.000	-4.824989	.0212748	-226.79	0.000

(Outcome filho7ca==viia – manual não-qualificado is the comparison group)

Fonte: PNAD-IBGE, 1988 e 1996, Brasil. Tabulação própria.

****** Wald tests for independent variables**

Ho: All coefficients associated with given variable(s) are 0.

Tabela LA-1998				Tabela MA- 1996		
filho7ca	Chi2	df	P>chi2	chi2	df	P>chi2
_O_OCp_III	9507.036	6	0.000	13824.541	6	0.000
_O_OCp_IVa	25259.802	6	0.000	15615.574	6	0.000
_O_OCp_IVb	11582.150	6	0.000	34.265.660	6	0.000
_O_OCp_V	36876.801	6	0.000	28373.435	6	0.000
_O_OCp_VIIa	19811.550	6	0.000	28034.756	6	0.000
_O_OCp_VIIb	60630.089	6	0.000	71858.361	6	0.000
_ICor_1	9127.075	6	0.000	12358.175	6	0.000
_IMig_2(MN)	85092.203	6	0.000	1.09e+05	6	0.000
_IMig_3(NS)	1.12e+05	6	0.000	1.19e+05	6	0.000
	27302.591	6	0.000	56203.709	6	0.000
	51169.134	6	0.000	65746.214	6	0.000
_IEscoI_2	1.93e+05	6	0.000	96859.748	6	0.000
_IEscoI_3	3.65e+05	6	0.000	3.60e+05	6	0.000
_IEscoI_4	7.90e+05	6	0.000	6.92e+05	6	0.000
Id(Idade)	1.16e+05	6	0.000	1.18e+05	6	0.000